

Fundação Oswaldo Cruz
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas

CLIPPING INTERNET

Rio de Janeiro – Julho 2018

08/07/2018

https://www.diariodaregiao.com.br/ conteudo/2018/07/vida_e_estilo/saude_e_beleza/1112_731-os-riscos-da-automedicacao.html

Médico fala sobre os riscos da automedicação

A cada hora, três brasileiros se intoxicam com uso incorreto de medicamentos

Um comprimido aqui para aliviar uma dorzinha de cabeça no meio do dia, um outro ali para uma dor no corpo depois da academia e assim vai. Quase impossível encontrar quem nunca tenha se automedicado. Uma vez ou outra, tudo bem. O problema é que, como todo remédio tem efeito colateral (basta ler a bula para ficar assustado), a mania de tomar sempre por conta própria traz um risco muito grande.

Os medicamentos são a principal causa das intoxicações registradas no Brasil, seguidos por produtos de limpeza, agrotóxicos e alimentos estragados, segundo dados da Anvisa e do Sistema Nacional de Informações Toxicológicas (Sinitox). A cada hora, três brasileiros sofrem por intoxicação causada por medicamentos, na maior parte das vezes consumidos sem a orientação de um médico ou farmacêutico.

Uma pesquisa realizada recentemente com 8 mil usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) em 272 cidades do Brasil mostrou que 10% dos pacientes usavam cinco ou mais medicamentos por dia. Esse consumo indiscriminado pode causar efeitos indesejáveis e trazer sérios riscos à saúde que 5 de maio foi escolhido como "O Dia Nacional do Uso Racional de Medicamentos", para conscientizar a população quanto aos riscos da prática.

"Sem dúvida existe o risco. Qualquer tipo de medicamento tem seus efeitos benéficos, mas tomar um remédio sem o devido conhecimento pode ocasionar algum risco à saúde", diz o médico Carlos Alberto Caldeira Mendes, do Serviço de Emergência Clínica e UTI do Hospital de Base de Rio Preto, coordenador do Centro de Assistência Toxicológica (Ceatox). "Existe o risco de interação de medicamentos onde um pode anular ou potencializar o efeito do outro, de toxicidade ou até de atrasar um diagnóstico. Você pode tomar um analgésico para dor de cabeça e mascarar um tumor", explica a farmacêutica bioquímica da Unimed Rio Preto Andreia Bellentani Pitarelli.

"O remédio que achamos que é o certo para nosso alívio pode até resolver no momento, mas também pode trazer uma série de outras complicações no futuro. Isso porque, se você não é um profissional da saúde, não conhece as especificidades de cada medicamento e as necessidades do organismo quando está com alguma dor ou doença" explica a médica Patrícia Filgueiras dos Reis.

Camuflagem de sintomas

Entre os problemas que a automedicação indiscriminada esconde, estão os remédios que camuflam os sintomas, mas não curam a doença, como alguns fármacos usados para rinite e anti-inflamatórios em geral. "É comum que pessoas façam uso desses medicamentos achando que estão resolvendo o problema, quando na verdade ele pode estar piorando e tendo os seus sintomas atenuados", explica Patrícia dos Reis.

Muitas vezes, um remédio pode cortar o efeito de outro. "Isso acontece com alguns tipos de antibióticos e anticoncepcionais. Varia de caso para caso, mas pode acontecer do primeiro medicamento inibir o efeito do segundo, que é de uso contínuo", diz a médica.

Algumas interações

- Anticoncepcional + vitamina C (acima de 1 g) = Aumento dos níveis do hormônio, contido na pílula, no sangue
- Anticoncepcional + anti-inflamatório ou antibiótico = Perda da eficácia, aumento da chance de gravidez
- Leite + antibiótico (Ampicilina tetraciclina) = Redução do efeito
- Paracetamol + anti-inflamatórios não esteroides = Potencializa os efeitos terapêuticos, bem como os tóxicos.
- Ácido acetilsalicílico + anticoagulantes = aumento do risco de sangramento.
- Ácido acetilsalicílico + bebida alcoólica = aumento do dano à mucosa gastrintestinal e prolongamento do sangramento.
- Ácido acetilsalicílico + analgésicos anti-inflamatórios não-esteroides = aumento do risco de hemorragias.

Fonte: Conselho Regional de Farmácia-SP

Quatro riscos da automedicação

- Causar intoxicação
- Mascarar sintomas de doenças graves
- Cortar ou potencializar o efeito de outras medicações
- Tornar o organismo resistente a tratamentos

Fonte: Adriano Ribeiro, farmacêutico

Resistência e dependência

Quando fazemos uso frequente do mesmo medicamento, o organismo pode criar resistência ou dependência daquele determinado princípio ativo. Além disso, nem sempre conhecemos a causa do sintoma. "Muitas vezes, uma dor comum pode ser algo mais sério e precisar de um tratamento específico. Por isso a importância de consultar um médico antes de comprar qualquer medicamento", diz a médica Patrícia Filgueiras dos Reis. É claro que devemos, se o soubermos tomar algumas medicações sintomáticas numa situação repentina. Por exemplo, se tivermos um pico febril ou uma dor de cabeça isolada, devemos tomar o analgésico e antitérmico que estamos habituados a usar nestes casos e observar a evolução do quadro. Se os sintomas persistirem, busque auxílio profissional. "Diante de qualquer sintoma, o melhor a fazer é procurar um médico. Mas o farmacêutico também cumpre um papel importante, pois está capacitado para informar o consumidor sobre os riscos potenciais relacionados ao uso dos medicamentos. Ele é o último profissional a entrar em contato com o paciente antes do início do tratamento, portanto sua ajuda é essencial", diz a farmacêutica Thais Pereira.

13/07/2018

<http://www.newsrondonia.com.br/noticias/os+perigos+dos+inseticidas+domesticos+que+a+propaganda+nao+conta/113575>

Os perigos dos inseticidas domésticos que a propaganda não conta

Inseticidas domésticos: terríveis contra os insetos. E contra os humanos também. Pesquisas recentes mostram que agrotóxicos usados como inseticidas domésticos não são inofensivos como diz a propaganda: além de intoxicações, podem causar leucemia, autismo e muitos outros males graves

Com slogans como “terrível contra os insetos”, “defenda sua casa” e promessas de “proteção prolongada”, os agrotóxicos usados como inseticidas domésticos exterminam ratos, baratas, moscas, mosquitos, formigas. Mas também fazem um mal danado para a saúde das pessoas de todas as idades. Isso porque o princípio ativo da maioria desses produtos – os piretróides – não são tão inofensivos como se acreditava há mais de 20 anos, quando passaram a ser utilizados.

Dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas da Fundação Oswaldo Cruz (Sinitox/Fiocruz) mostram que de 2008 a 2012 foram registrados 12.617 casos de intoxicação por piretróides, em sua maioria de crianças menores de 4 anos. São reações alérgicas, como dermatites, asma, rinite, parestesias (sensações de queima, picada, coceira, formigamento, dormência), dor de cabeça, fadiga, salivação, náusea e vômito, tremor, diarreia, irritabilidade e desmaios.

Os problemas, porém, vão muito além. A exposição crônica está associada a diversos distúrbios graves. Em 2017, pesquisadores da Universidade de Teerã, no Irã, publicaram estudo na revista Archives of Toxicology, um periódico médico criado em 1930 e que atualmente pertence ao mesmo grupo da prestigiada revista Nature. Eles identificaram aumento da incidência do distúrbio do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), autismo e atraso no desenvolvimento infantil. Em adultos, encontraram risco aumentado para o desenvolvimento de leucemia, esclerose lateral amiotrófica, diabetes e alterações no sistema reprodutivo, com diminuição na contagem e na mobilidade de espermatozoides.

Outra pesquisa publicada ano passado, por pesquisadores das universidades estaduais de Nova York e da Pennsylvania, ambas nos Estados Unidos, mostram dados igualmente preocupantes: nas cidades em que esses inseticidas são pulverizados no combate a mosquitos transmissores do vírus Zika e outras doenças, há aumento na prevalência de atraso no neurodesenvolvimento infantil, prejudicando o aprendizado. O dado confirma aqueles obtidos em 2015 por cientistas da Universidade de Rennes, na França, que estudaram os efeitos da exposição infantil a essas substâncias.

Como os piretróides atravessam a placenta, põem em risco também os fetos. Em 2013, pesquisadores do Departamento de Neurologia do Hospital Central em Jiaozuo, na China, constataram efeitos negativos da exposição de gestantes sobre o desenvolvimento neurológico e mental dos bebês.

Riscos

As informações foram reunidas pelos professores do Departamento de Química da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Sonia Corina Hess e Cristian Soldi, autores do capítulo sobre os riscos associados aos pesticidas domésticos piretróides do livro Ensaio sobre Poluição e Doenças no Brasil (Outras Expressões). A versão em PDF já está disponível para acesso gratuito. A versão impressa logo estará à venda, na editora, ao preço de R\$ 40.

Ensaio reúne 15 capítulos sobre temas como nanotecnologia, transgênicos, aditivos alimentares e câncer, entre outros.

Efeito tóxico prolongado

Os dados coletados por Sonia e Cristian demonstram que a concentração dos piretróides permanecem no ambiente por até 17 horas após o desligamento do vaporizador elétrico de inseticidas. E que, em caso de produtos em aerossol, pulverizado por apenas dois segundos, o princípio ativo pode ser encontrado no chão e sobre móveis em quantidades significativas horas depois, suficientes para elevar os riscos de intoxicação em seres humanos. Como passam a maior parte do tempo brincando no chão, e levam as mãos com frequência à boca, as crianças são mais vulneráveis à intoxicação.

Conforme Sonia e Cristian, entre os piretróides mais utilizados está a cipermetrina, produzido pela Syngenta. Eles lembram que a própria ficha de segurança da substância fornecida pelo fabricante informa se tratar de “um material mutagênico, que pode causar efeitos no sistema reprodutivo, na fertilidade e na saúde de fetos e bebês em lactação; a exposição a esta substância pode, ainda, ocasionar sonolência, convulsões, tremores, contrações musculares, efeitos nas glândulas salivares e no sistema motor; aumento no volume de urina, proteinúria e decréscimo da resposta imune”.

Por isso os autores defendem que a autorização de uso da cipermetrina no país deveria ser reavaliada. No entanto, este princípio ativo não consta da lista de agrotóxicos em processo de reavaliação de uso no Brasil.

E mais: que a regulação de inseticidas domésticos contendo princípios ativos piretróides seja revista no país e que sejam proibidas propagandas que estimulem o uso.

16/07/2018

<https://istoe.com.br/por-dia-37-criancas-sao-vitimas-de-intoxicacao-ou-envenenamento/>

Por dia, 37 crianças são vítimas de intoxicação ou envenenamento

Análise feita pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) mostra que, em média, 37 crianças e adolescentes (até 19 anos) sofrem os efeitos da intoxicação pela exposição inadequada a medicamentos. Ao longo de 18 anos, foram mais de 245 mil casos de intoxicação, dos quais 240 crianças e adolescentes não sobreviveram.

Os estados que lideram os casos de intoxicação ou envenenamento são: São Paulo, Rio Grande do Sul e Espírito Santo. Minas Gerais e Rio de Janeiro vêm por último. Porém, nem todas as

regiões do Brasil são avaliadas, pois só 11 estados têm centros de monitoramento disponibilizam dados.

O estudo se baseou em informações do Sistema Nacional de Informações Tóxico-farmacológicas (Sinitox). A presidente da SBP, Luciana Rodrigues Silva, disse que diante dos números alarmantes, é necessário redobrar os cuidados.

“Mais da metade dos casos registrados [53%] referem-se a acidentes com crianças de um a quatro anos de idade. Elas são naturalmente muito curiosas e querem colocar tudo na boca, o que faz parte do desenvolvimento. Além disso, os medicamentos da linha pediátrica possuem embalagens coloridas e cheirosas, que estimulam os sentidos da criança”, destacou Luciana Silva.

Números

Segundo o levantamento, de todos os episódios de intoxicação ocorridos no período de quase duas décadas – de 1999 a 2016 -, mais de 130 mil acometeram crianças com idades entre um e quatro anos. O segundo grupo mais atingido vai de 14 a 19 anos (42.614 casos), seguido daqueles que cobrem de cinco a nove anos (32.668 registros) e de 10 a 14 anos (24.282).

No país, com base nos centros de monitoramento, a incidência maior de casos desse tipo tem sido registrada, ao longo do período analisado, nos estados de São Paulo (88.582 ocorrências), Rio Grande do Sul (47.342) e Espírito Santo (16.806).

Em seguida, vêm os estados de Minas Gerais (13.315), e Rio de Janeiro (11.602). Por outro lado, a mortalidade atribuída à intoxicação foi maior na Bahia (36 óbitos); São Paulo (31); Minas Gerais (24); Rio de Janeiro (22); e Rio Grande do Sul (18).

Subestimados

Para especialistas, os dados apurados via Sinitox estão subestimados, pois a rede reúne apenas as informações de 33 Centros de Informação e Assistência Toxicológica (CIAT) localizados atualmente em 11 estados e no Distrito Federal (DF).

A presidente da SBP, Luciana Silva, alerta que é grande o número de relatos de reações adversas que não são comunicadas às autoridades sanitárias. Segundo ela, há situações em que essas ações são consideradas brandas ou confundem-se com sinais e sintomas de outros problemas de saúde.

“Estamos falando de uma estatística que descobre apenas a ponta iceberg, de um problema de proporções muito maiores, que flerta diariamente com a tragédia”, disse Luciana Silva.

O Sinitox admite que o número de casos de intoxicação e envenenamentos registrados nas estatísticas, envolvendo crianças e adolescentes, tem caído nos últimos anos em decorrência da diminuição da participação dos CIATs no monitoramento.

De acordo com o Departamento Científico de Toxicologia da SBP, a intoxicação pode ocorrer quando as crianças e os adolescentes são submetidos à medicação sem uma prescrição médica ou com base em conselhos de amigos ou outros profissionais da saúde.

“Mesmo com a prescrição médica é preciso ter cuidado, pois as diferenças nas dosagens podem gerar complicações, em especial quando a medida é feita com base em uma colher de sopa, de sobremesa ou de café”, ressaltou a presidente da SBP, Luciana Rodrigues Silva.

17/07/2018

https://www.huffpostbrasil.com/2018/07/17/guia-traz-orientacoes-para-casos-de-ingestao-de-produtos-toxicos_a_23483798/

Guia traz orientações para casos de ingestão de produtos tóxicos

Por dia, 37 crianças são vítimas de intoxicação ou envenenamento.

Recentemente, a Sociedade Brasileira de Pediatria lançou o Guia Prático de Atualização sobre o tema "Intoxicações agudas por medicamentos de uso comum em pediatria".

O guia foi encaminhado aos pediatras brasileiros sobre possíveis danos físicos provocados pela ingestão de remédios e outros produtos. Há recomendações sobre limites de dosagem, mecanismos de ação tóxica, evolução do quadro clínico, procedimentos diagnósticos e opções de tratamento.

O presidente do Departamento Científico de Toxicologia da Sociedade Brasileira de Pediatria, Carlos Augusto Mello da Silva, que coordenou a elaboração do guia, adverte que os incidentes ocorrem, na maioria dos casos, em ambientes domésticos.

"A criança pega o remédio dos pais ou o dela mesmo, que foi deixado ao alcance da mão, e toma em uma quantidade muito acima da prescrita pelo médico. Ela toma meio vidro ou então engole vários comprimidos coloridos da cartela. O pico no mundo todo é em crianças na faixa etária pré-escolar."

De acordo com o especialista, os acidentes podem ser evitados. "Os adultos devem estabelecer algumas precauções para evitar que situações adversas se concretizem. A principal delas é sempre armazenar fármacos e produtos de limpeza sempre nos locais mais elevados, de preferência em armário com chave."

No caso dos adolescentes, os problemas são outros, automedicação e dosagens inadequadas. Como adolescentes têm o comportamento mais próximo ao adulto, ocorrem confusões. "Por ter mais autonomia, ao invés de tomar um comprimido, por conta própria, toma uma quantidade maior. No entanto, a faixa etária que realmente preocupa é a pré-escolar, que são intoxicações acidentais."

Análise feita pela SBP mostra que, em média, 37 crianças e adolescentes (até 19 anos) sofrem os efeitos da intoxicação pela exposição inadequada a medicamentos. Ao longo de 18 anos, foram mais de 245 mil casos de intoxicação, dos quais 240 crianças e adolescentes não sobreviveram.

Os estados que lideram os casos de intoxicação ou envenenamento são: São Paulo, Rio Grande do Sul e Espírito Santo. Minas Gerais e Rio de Janeiro vêm por último. Porém, nem todas as regiões do Brasil são avaliadas, pois só 11 estados têm centros de monitoramento disponibilizam dados.

O estudo se baseou em informações do Sistema Nacional de Informações Tóxico-farmacológicas (Sinitox). A presidente da SBP, Luciana Rodrigues Silva, disse que diante dos números alarmantes, é necessário redobrar os cuidados.

"Mais da metade dos casos registrados [53%] referem-se a acidentes com crianças de um a quatro anos de idade. Elas são naturalmente muito curiosas e querem colocar tudo na boca, o que faz parte do desenvolvimento. Além disso, os medicamentos da linha pediátrica possuem embalagens coloridas e cheirosas, que estimulam os sentidos da criança", destacou Luciana Silva.

Números

Segundo o levantamento, de todos os episódios de intoxicação ocorridos no período de quase duas décadas – de 1999 a 2016 -, mais de 130 mil acometeram crianças com idades entre um e quatro anos. O segundo grupo mais atingido vai de 14 a 19 anos (42.614 casos), seguido daqueles que cobrem de cinco a nove anos (32.668 registros) e de 10 a 14 anos (24.282).

No país, com base nos centros de monitoramento, a incidência maior de casos desse tipo tem sido registrada, ao longo do período analisado, nos estados de São Paulo (88.582 ocorrências), Rio Grande do Sul (47.342) e Espírito Santo (16.806).

Em seguida, vêm os estados de Minas Gerais (13.315), e Rio de Janeiro (11.602). Por outro lado, a mortalidade atribuída à intoxicação foi maior na Bahia (36 óbitos); São Paulo (31); Minas Gerais (24); Rio de Janeiro (22); e Rio Grande do Sul (18).

Subestimados

Para especialistas, os dados apurados via Sinitox estão subestimados, pois a rede reúne apenas as informações de 33 Centros de Informação e Assistência Toxicológica (CIAT) localizados atualmente em 11 estados e no Distrito Federal (DF).

A presidente da SBP, Luciana Silva, alerta que é grande o número de relatos de reações adversas que não são comunicadas às autoridades sanitárias. Segundo ela, há situações em que essas ações são consideradas brandas ou confundem-se com sinais e sintomas de outros problemas de saúde.

"Estamos falando de uma estatística que descobre apenas a ponta iceberg, de um problema de proporções muito maiores, que flerta diariamente com a tragédia", disse Luciana Silva.

O Sinitox admite que o número de casos de intoxicação e envenenamentos registrados nas estatísticas, envolvendo crianças e adolescentes, tem caído nos últimos anos em decorrência da diminuição da participação dos CIATs no monitoramento.

De acordo com o Departamento Científico de Toxicologia da SBP, a intoxicação pode ocorrer quando as crianças e os adolescentes são submetidos à medicação sem uma prescrição médica ou com base em conselhos de amigos ou outros profissionais da saúde.

"Mesmo com a prescrição médica é preciso ter cuidado, pois as diferenças nas dosagens podem gerar complicações, em especial quando a medida é feita com base em uma colher de sopa, de sobremesa ou de café", ressaltou a presidente da SBP, Luciana Rodrigues Silva.

18/07/2018

Guia orienta sobre ingestão de produtos tóxicos

Segundo dados da Sociedade Brasileira de Pediatria, por dia, 37 crianças são vítimas de intoxicação ou envenenamento

Recentemente, a Sociedade Brasileira de Pediatria lançou o Guia Prático de Atualização sobre o tema “Intoxicações agudas por medicamentos de uso comum em pediatria”.

O guia foi encaminhado aos pediatras brasileiros sobre possíveis danos físicos provocados pela ingestão de remédios e outros produtos. Há recomendações sobre limites de dosagem, mecanismos de ação tóxica, evolução do quadro clínico, procedimentos diagnósticos e opções de tratamento.

O presidente do Departamento Científico de Toxicologia da Sociedade Brasileira de Pediatria, Carlos Augusto Mello da Silva, que coordenou a elaboração do guia, adverte que os incidentes ocorrem, na maioria dos casos, em ambientes domésticos.

“A criança pega o remédio dos pais ou o dela mesmo, que foi deixado ao alcance da mão, e toma em uma quantidade muito acima da prescrita pelo médico. Ela toma meio vidro ou então engole vários comprimidos coloridos da cartela. O pico no mundo todo é em crianças na faixa etária pré-escolar.”

De acordo com o especialista, os acidentes podem ser evitados. “Os adultos devem estabelecer algumas precauções para evitar que situações adversas se concretizem. A principal delas é sempre armazenar fármacos e produtos de limpeza sempre nos locais mais elevados, de preferência em armário com chave.”

37 CRIANÇAS INTOXICADAS POR DIA NO BRASIL No caso dos adolescentes, o problema são outros, automedicação e dosagens inadequadas. Como adolescentes têm o comportamento mais próximo ao adulto, ocorrem confusões. “Por ter mais autonomia, ao invés de tomar um comprimido, por conta própria, toma uma quantidade maior. No entanto, a faixa etária que realmente preocupa é a pré-escolar, que são intoxicações acidentais.”

37 crianças intoxicadas por dia no Brasil

Análise feita pela SBP mostra que, em média, 37 crianças e adolescentes (até 19 anos) sofrem os efeitos da intoxicação pela exposição inadequada a medicamentos. Ao longo de 18 anos, foram mais de 245 mil casos de intoxicação, dos quais 240 crianças e adolescentes não sobreviveram.

Os Estados que lideram os casos de intoxicação ou envenenamento são: São Paulo, Rio Grande do Sul e Espírito Santo. Minas Gerais e Rio de Janeiro vêm por último. Porém, nem todas as regiões do Brasil são avaliadas, pois só 11 Estados têm centros de monitoramento disponibilizam dados.

O estudo se baseou em informações do Sistema Nacional de Informações Tóxico-farmacológicas (Sinitox). A presidente da SBP, Luciana Rodrigues Silva, disse que diante dos números alarmantes, é necessário redobrar os cuidados.

“Mais da metade dos casos registrados [53%] referem-se a acidentes com crianças de um a quatro anos de idade. Elas são naturalmente muito curiosas e querem colocar tudo na boca, o que faz parte do desenvolvimento. Além disso, os medicamentos da linha pediátrica possuem embalagens coloridas e cheirosas, que estimulam os sentidos da criança”, destacou Luciana Silva.

Números

Segundo o levantamento, de todos os episódios de intoxicação ocorridos no período de quase duas décadas – de 1999 a 2016 -, mais de 130 mil acometeram crianças com idades entre um e quatro anos. O segundo grupo mais atingido vai de 14 a 19 anos (42.614 casos), seguido daqueles que cobrem de cinco a nove anos (32.668 registros) e de 10 a 14 anos (24.282).

No país, com base nos centros de monitoramento, a incidência maior de casos desse tipo tem sido registrada, ao longo do período analisado, nos Estados de São Paulo (88.582 ocorrências), Rio Grande do Sul (47.342) e Espírito Santo (16.806).

Em seguida, vêm os Estados de Minas Gerais (13.315), e Rio de Janeiro (11.602). Por outro lado, a mortalidade atribuída à intoxicação foi maior na Bahia (36 óbitos); São Paulo (31); Minas Gerais (24); Rio de Janeiro (22); e Rio Grande do Sul (18).

Subestimados

Para especialistas, os dados apurados via Sinitox estão subestimados, pois a rede reúne apenas as informações de 33 Centros de Informação e Assistência Toxicológica (CIAT) localizados atualmente em 11 estados e no Distrito Federal (DF).

A presidente da SBP, Luciana Silva, alerta que é grande o número de relatos de reações adversas que não são comunicadas às autoridades sanitárias. Segundo ela, há situações em que essas ações são consideradas brandas ou confundem-se com sinais e sintomas de outros problemas de saúde.

“Estamos falando de uma estatística que descobre apenas a ponta iceberg, de um problema de proporções muito maiores, que flerta diariamente com a tragédia”, disse Luciana Silva.

O Sinitox admite que o número de casos de intoxicação e envenenamentos registrados nas estatísticas, envolvendo crianças e adolescentes, tem caído nos últimos anos em decorrência da diminuição da participação dos CIATs no monitoramento.

De acordo com o Departamento Científico de Toxicologia da SBP, a intoxicação pode ocorrer quando as crianças e os adolescentes são submetidos à medicação sem uma prescrição médica ou com base em conselhos de amigos ou outros profissionais da saúde.

“Mesmo com a prescrição médica é preciso ter cuidado, pois as diferenças nas dosagens podem gerar complicações, em especial quando a medida é feita com base em uma colher de sopa, de sobremesa ou de café”, ressaltou a presidente da SBP, Luciana Rodrigues Silva.